

"Da primeira frase ao desfecho emocionante,
Ken Follett oferece o suspense infalível que os leitores
se acostumaram a esperar dele." – *Los Angeles Times*

KEN FOLLETT



A CHAVE DE REBECCA



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Robin McGibbon

“Nosso espião no Cairo é o maior herói de todos.”

ERWIN ROMMEL, setembro de 1942

PRIMEIRA PARTE

TOBRUK

CAPÍTULO UM

O ÚLTIMO CAMELO DESABOU AO meio-dia.

Era o macho de cinco anos que ele tinha comprado em Gialo, o mais novo, mais forte e menos genioso dos três. Ele gostava do animal tanto quanto era possível gostar de um camelo, ou seja: só o odiava um pouquinho.

Homem e camelo subiram a encosta de uma pequena colina, a favor do vento, pisando com os pés grandes e desajeitados a areia irregular, e pararam no topo. Olharam à frente e não viram nada além de outro monte para subir, e depois desse mais mil, e foi como se o camelo desanimasse com a possibilidade. Suas patas dianteiras se dobraram, depois o traseiro arriou e ele se agachou no alto do morro como um monumento, o olhar cortando o deserto vazio com a indiferença dos agonizantes.

O homem puxou a corda presa ao nariz do animal. A cabeça foi para a frente e o pescoço se esticou, mas ele não quis se levantar. O homem foi para trás e chutou seus quartos com o máximo de força que conseguiu, três ou quatro vezes. Por fim, pegou uma faca de beduíno, curva, afiada e com a ponta estreita, e golpeou a anca do camelo. Sangue escorreu do ferimento, mas o bicho nem olhou em volta.

O homem entendeu o que estava acontecendo. Os órgãos do corpo do animal, desnutridos, simplesmente haviam parado de funcionar, como uma máquina sem combustível. Tinha visto camelos desmoronarem assim próximos a oásis, cercados por folhagens revigorantes que ignoravam, sem energia para comer.

Poderia tentar mais dois truques. Um era derramar água nas narinas do camelo até que ele começasse a se afogar e o outro era acender um fogo embaixo de seus quartos. Mas não podia desperdiçar água nem madeira, e além disso nenhum desses métodos tinha grandes chances de funcionar.

De qualquer maneira, era hora de parar. O sol estava alto e forte. O longo verão no Saara estava começando e ao meio-dia a temperatura alcançaria 43 graus à sombra.

Sem descarregar o camelo, o homem abriu uma das sacolas e tirou a barraca. Olhou ao redor outra vez: não havia sombra nem abrigo à vista – qualquer lugar era tão ruim quanto os outros. Armou a barraca ao lado do animal agonizante, no topo da colina.

Sentou-se de pernas cruzadas junto à abertura da barraca para fazer um chá. Alisou um pequeno quadrado de areia, arrumou alguns preciosos gravetos secos em formato de pirâmide e acendeu o fogo. Quando a água ferveu na chaleira, preparou o chá à maneira nômade, derramando-o no copo, acrescentando açúcar e depois devolvendo-o à chaleira para repetir o processo várias vezes. A infusão resultante, muito forte e bastante espessa, era a bebida mais revigorante do mundo.

Comeu algumas tâmaras e observou o camelo morrer enquanto esperava o sol passar. Sua tranquilidade era consequência da prática. Tinha percorrido uma longa distância naquele deserto, mais de 1.500 quilômetros. Dois meses antes, havia saído de El Agela, no litoral mediterrâneo da Líbia, e viajara no sentido sul por 800 quilômetros, via Gialo e Kufra, penetrando no coração vazio do Saara. Ali tomou a direção leste e cruzou a fronteira com o Egito sem ser notado nem por homens nem por animais. Atravessou a vastidão rochosa do Deserto Ocidental e virou para o norte perto de Kharga.

Agora não estava longe do destino. Conhecia o deserto, mas sentia medo dele – todos os homens inteligentes sentiam, até os nômades que passavam a vida inteira ali. Jamais permitia, porém, que esse medo tomasse conta dele, induzisse ao pânico, acabasse com sua energia. Sempre havia catástrofes: erros de orientação que faziam a pessoa deixar de passar em um poço por alguns quilômetros; odres que vazavam ou estouravam; camelos aparentemente saudáveis que adoeciam poucos dias depois da partida. A única reação era dizer *Inshallah*: é a vontade de Deus.

Finalmente, o sol começou a descer na direção oeste. O homem olhou para a carga do camelo, pensando em quanto daquilo poderia carregar. Havia três malas pequenas, duas pesadas e uma leve, todas importantes, uma bolsa de roupas pequena, um sextante, os mapas e o odre. Já era muito: teria que abandonar a barraca, o jogo de chá, a panela, o almanaque e a sela.

Juntou as três malas num fardo e amarrou as roupas e o sextante em cima, prendendo tudo com um pedaço de pano. Poderia enfiar os braços pelas alças de pano e levar a carga como uma mochila às costas. Pendurou o odre no pescoço.

Era uma carga pesada.

Três meses antes, poderia andar com aquilo o dia inteiro e jogar tênis à noite, porque era um homem forte. No entanto, o deserto o havia enfraquecido. Suas entranhas eram água, a pele era uma massa de feridas e ele tinha perdido entre 10 e 15 quilos. Sem o camelo, não conseguiria ir longe.

Pegou a bússola e começou a andar.

Seguiu para onde o instrumento apontava, resistindo à tentação de desviar circundando os morros, porque se orientava por puro cálculo nos últimos quilômetros, e o menor erro poderia desviá-lo em algumas centenas de metros fatais. Seguiu com passadas lentas e longas. A mente se esvaziou de esperanças e temores e ele se concentrou na bússola e na areia. Conseguiu esquecer a dor do corpo devastado e punha um pé à frente do outro mecanicamente, sem pensar a respeito e, portanto, sem esforço.

O dia avançou, esfriando conforme a noite chegava. O odre ficou mais leve no pescoço à medida que ele consumia o conteúdo. Recusava-se a pensar em quanta água restava: vinha bebendo 3,5 litros a cada 24 horas, segundo seus cálculos, e sabia que não havia o bastante para outro dia. Um bando de pássaros passou voando, piando ruidosamente. Ele levantou a cabeça, protegendo os olhos com a mão, e os reconheceu como cortiçois-pedreses, aves do deserto parecidas com pombos marrons que voavam em grupos na direção da água todas as manhãs e ao anoitecer. Iam para o mesmo lado que ele, o que significava que estava no caminho certo, mas sabia que eles eram capazes de voar 80 quilômetros até a água, então a visão não foi muito encorajadora.

Nuvens se acumulavam no horizonte à medida que o deserto esfriava. Atrás dele, o sol desceu mais e se transformou num grande balão amarelo. Pouco depois, uma lua branca apareceu no céu púrpura.

Pensou em parar. Ninguém conseguia andar a noite toda. Mas não havia mais barraca, cobertor, arroz ou chá. E tinha certeza de que estava perto do poço: já deveria ter chegado.

Continuou. Agora a calma o estava abandonando. Tinha usado a força e a habilidade contra o deserto implacável, e no fim das contas parecia que o deserto venceria. Lembrou do camelo deixado para trás, em como ele havia se sentado no topo da colina com a tranquilidade da exaustão, aguardando a morte. Ele não esperaria a morte, pensou. Quando ela se tornasse inevitável, correria ao seu encontro. Não enfrentaria as horas de agonia e a loucura que o dominaria – isso seria indigno. Tinha sua faca.

A ideia causou-lhe desespero e agora ele não conseguia mais reprimir o medo. A lua desceu, mas a paisagem estava clara com a luz das estrelas. Viu a mãe a distância e ela falou: “Não diga que eu nunca avisei!” Ouviu um trem chacoalhando no ritmo de seu coração, lentamente. Pedras pequenas se moviam no seu caminho como ratos em fuga. Sentiu cheiro de cordeiro

assado. Chegou ao topo de uma colina e viu, perto dali, o brilho vermelho da fogueira sobre a qual a carne estivera assando e um menino ao lado, roendo os ossos. Havia barracas em volta do fogo, camelos atados com peias, pastando os espinheiros afastados, e a boca do poço atrás. Foi em direção à alucinação. As pessoas no sonho olharam para ele, espantadas. Um homem alto se levantou e falou. O viajante levou a mão ao turbante, desenrolando o tecido para revelar o rosto.

O homem alto se adiantou, chocado.

– Meu primo! – exclamou.

O viajante percebeu que aquilo não era ilusão, afinal. Deu um sorriso fraco e desmoronou.



Ao acordar, pensou por um momento que era um adolescente outra vez e que sua vida adulta tinha sido um sonho.

Alguém tocava em seu ombro e dizia na língua do deserto:

– Acorde, Achmed.

Fazia anos que ninguém o chamava de Achmed. Percebeu que estava deitado na areia fria e enrolado num cobertor, a cabeça envolta num turbante. Abriu os olhos e viu o nascer do sol estupendo, como um arco-íris reto contra o horizonte preto e chapado. O vento gelado da manhã soprou em seu rosto. Naquele instante, experimentou de novo toda a confusão e a ansiedade dos 15 anos.

Tinha se sentido absolutamente perdido naquela primeira vez em que acordou no deserto. Pensara: Meu pai está morto, e depois Tenho um novo pai. Trechos das suras do Corão passaram por sua cabeça, misturados com pedaços do Credo que a mãe lhe ensinara em segredo, em alemão. Lembrou-se da dor recente da circuncisão em sua adolescência, seguida pelos gritos e pelos tiros de fuzis dos homens que o parabenizavam por ter enfim se transformado num deles, num homem de verdade. Depois a longa viagem de trem, em que imaginou como seriam os primos do deserto e se eles desprezariam seu corpo pálido e os costumes urbanos. Tinha saído rapidamente da estação de trem e visto os dois árabes sentados junto dos camelos na poeira do pátio, envoltos em mantos tradicionais que os cobriam da cabeça aos pés a não ser pela fenda no turbante, que só revelava os olhos escuros e insondáveis.

Eles o levaram ao poço. Foi aterrorizante: ninguém falou com ele a não ser por gestos. À noite percebeu que aquelas pessoas *não tinham banheiros* e ficou desesperadamente sem graça. Por fim, foi obrigado a perguntar. Houve um momento de silêncio e em seguida todos explodiram em gargalhadas. Ficou claro que tinham pensado que ele não sabia falar a língua deles – motivo pelo qual todos tentavam se comunicar através de sinais – e que ele havia usado uma palavra infantil para perguntar sobre o banheiro, o que tornou a situação ainda mais engraçada. Alguém explicou que ele deveria se afastar um pouco além do círculo de barracas e se agachar na areia. Depois disso ele não sentiu mais medo, porque, apesar de serem homens rudes, não eram desprovidos de gentileza.

Todos esses pensamentos tinham passado por sua mente enquanto assistia a seu primeiro amanhecer no deserto, e voltaram vinte anos depois com as palavras “Acorde, Achmed”, tão novos e dolorosos quanto as lembranças ruins do dia anterior.

Sentou-se abruptamente, com os antigos pensamentos se dissipando depressa como as nuvens da manhã. Tinha atravessado o deserto numa missão de importância vital. Encontrara o poço e isso não fora alucinação: seus primos estavam ali, como sempre nessa época do ano. Havia desmoronado de exaustão e eles o enrolaram em cobertores, colocando-o para dormir junto ao fogo. Foi atingido por um pânico súbito e agudo ao pensar na bagagem preciosa – ainda a estava carregando quando chegou? –, então a viu, empilhada aos seus pés.

Ishmael estava agachado perto dele. Nunca havia sido de outro jeito: durante o ano que os dois garotos passaram no deserto, Ishmael sempre acordava primeiro.

– Grandes preocupações, primo – disse ele, agora.

Achmed assentiu.

– Está acontecendo uma guerra.

Ishmael pegou uma tigela minúscula engastada com pedras preciosas que continha água. Achmed mergulhou os dedos no líquido e lavou os olhos. Ishmael se afastou e Achmed ficou de pé.

Uma das mulheres, silenciosa e subserviente, lhe deu chá. Ele o pegou sem agradecer e bebeu depressa. Comeu um pouco de arroz frio, enquanto as tarefas do acampamento prosseguiram ao redor, sem pressa. Parecia que aquele ramo da sua família ainda era abastado: havia vários serviços, muitas crianças e mais de vinte camelos. As ovelhas ali perto eram apenas parte

do rebanho – o resto devia estar pastando a poucos quilômetros dali. Também devia haver mais camelos. Eles vagavam à noite procurando folhagens para comer e, ainda que tivessem peias nas patas, às vezes sumiam de vista. Os meninos deviam estar arrebanhando-os agora, como ele e Ishmael costumavam fazer. Os animais não tinham nomes, mas Ishmael conhecia cada um e sabia sua história.

– Esse é o macho que meu pai deu ao irmão dele, Abdel, no ano em que muitas mulheres morreram – dizia. – O macho ficou manco, por isso meu pai deu outro a Abdel e pegou esse de volta, e ele ainda manca, está vendo?

Achmed passara a conhecer bem os camelos, mas nunca havia adotado a atitude nômade com relação a eles: lembrou-se de que não tinha acendido um fogo embaixo dos quartos de seu animal agonizante no dia anterior. Ishmael faria isso.

Terminou o café da manhã e voltou para perto da bagagem. As malas não estavam trancadas. Abriu a de cima, uma pequena, de couro, e, quando olhou os botões e os mostradores do rádio compacto bem encaixado no espaço retangular, teve uma lembrança súbita e nítida como um filme: a cidade agitada e frenética de Berlim; uma rua ladeada de árvores chamada Tirpitzufer; um prédio de arenito de quatro andares; um labirinto de corredores e escadas; uma antessala com duas secretárias; um escritório esparsamente mobiliado com escrivaninha, sofá, arquivo, uma cama pequena e uma pintura japonesa pendurada na parede mostrando um demônio sorridente e uma fotografia autografada de Francisco Franco; e para além do escritório, numa sacada com vista para o canal Landwehr, dois dachshunds e um almirante de cabelos prematuramente brancos dizendo: “Rommel quer que eu ponha um agente no Cairo.”

A mala também continha um livro, um romance em inglês. Preguiçosamente, Achmed leu a primeira linha: “Ontem à noite sonhei que voltava a Manderley.” Um pedaço de papel dobrado caiu de entre as páginas do livro. Achmed o pegou com cuidado e o recolocou no lugar. Fechou o livro, colocou-o na mala e a fechou.

Ishmael estava parado junto dele.

– Foi uma viagem longa? – perguntou.

Achmed assentiu.

– Vim de El Agela, na Líbia. – Os nomes não significavam nada para o primo. – Vim do mar.

– Do mar!

– É.

– *Sozinho?*

– Tinha alguns camelos quando comecei.

Ishmael ficou pasmo: nem mesmo os nômades faziam viagens tão longas, e ele nunca tinha visto o mar.

– Mas por quê? – quis saber.

– Tem a ver com esta guerra.

– Um bando de europeus lutando contra outro bando de europeus para decidir quem vai se acomodar no Cairo. O que isso tem a ver com os filhos do deserto?

– O povo da minha mãe está na guerra.

– Um homem deve seguir o pai.

– E se ele tiver dois pais?

Ishmael deu de ombros. Entendia os dilemas.

Achmed levantou a mala fechada.

– Pode guardar isto para mim?

– Posso. – Ishmael pegou-a. – Quem está ganhando a guerra?

– O povo da minha mãe. Eles são como os nômades: orgulhosos, cruéis e fortes. Vão governar o mundo.

Ishmael sorriu.

– Achmed, você sempre acreditou no leão do deserto.

Achmed lembrou: tinha aprendido na escola que um dia houvera leões no deserto e que era possível que alguns tivessem permanecido, escondidos nas montanhas, alimentando-se dos cervos, das raposas do deserto e das ovelhas selvagens. Ishmael se recusava a acreditar nele. Na época a discussão parecia tremendamente importante e os dois quase brigaram. Achmed riu.

– Ainda acredito no leão do deserto.

Os dois primos se encararam. Fazia cinco anos que tinham se encontrado pela última vez. O mundo havia mudado. Achmed pensou nas coisas que podia contar: o encontro crucial em Beirute em 1938, a viagem a Berlim, o grande golpe em Istambul... Nada disso teria significado para o primo, e Ishmael provavelmente estava pensando o mesmo com relação aos acontecimentos dos *seus* últimos cinco anos. Desde que tinham ido juntos, na juventude, em peregrinação a Meca, amavam-se muito, mas nunca tinham nada para conversar.

Depois de um momento Ishmael se virou e levou a mala para sua barraca. Achmed pegou um pouco d'água numa tigela. Abriu outra mala e

tirou um pedaço pequeno de sabão, um pincel de barba, um espelho e uma navalha. Cravou o espelho na areia, ajeitou-o e começou a desenrolar o turbante da cabeça.

Ficou chocado com a visão do próprio rosto.

Sua testa forte e, em geral, limpa estava coberta de feridas. Os olhos, sombreados de dor e com rugas nos cantos. A barba escura crescia embotada no rosto de maçãs delicadas e a pele do nariz grande e adunco estava vermelha e rachada. Separou os lábios cheios de bolhas e viu que os dentes bons, regulares, estavam imundos e manchados.

Esfregou o pincel no sabão e começou a se barbear.

Aos poucos, seu rosto antigo emergiu. Era mais forte do que bonito, e em geral tinha uma expressão que ele reconhecia, em seus momentos mais imparciais, como ligeiramente dissoluta. Mas agora estava apenas devastado. Carregara por centenas de quilômetros de deserto um frasco pequeno de loção perfumada, para usar nesse momento, mas não a colocou porque sabia que iria arder de modo insuportável. Deu o frasco a uma menina que estivera observando-o e ela saiu correndo, maravilhada com o presente.

Levou sua bolsa para a barraca de Ishmael e expulsou as mulheres. Tirou os mantos do deserto e vestiu uma camisa inglesa branca, uma gravata listrada, meias cinza e um terno xadrez marrom. Quando tentou calçar os sapatos, descobriu que os pés tinham inchado. Era excruciante tentar forçá-los dentro do couro novo e duro. Mas não podia usar seu terno europeu com as sandálias improvisadas a partir de pneus de borracha, feitas para o deserto. Por fim, abriu talhos nos sapatos com a faca curva e os calçou frouxos.

Queria mais: um banho quente, um corte de cabelo, creme hidratante para aliviar as feridas, uma camisa de seda, uma pulseira de ouro, uma garrafa de champanhe gelado e uma mulher quente e macia. Mas essas coisas ele teria de esperar.

Quando saiu da barraca, os nômades o olharam como se ele fosse um estranho. Pegou o chapéu e sopesou as duas malas que restavam: uma pesada e uma leve. Ishmael veio até ele carregando um odre de pele de cabra. Os dois primos se abraçaram.

Achmed pegou uma carteira no bolso do paletó para verificar seus documentos. Olhando a identidade, percebeu que era de novo Alexander Wolff, 34 anos, morador da Ville les Oliviers, Garden City, Cairo, homem de negócios, raça: europeia.

Pôs o chapéu, pegou as malas e partiu no frescor do alvorecer para caminhar pelos últimos quilômetros de deserto até a cidade.



A formidável e antiga rota de caravanas, que Wolff havia seguido de oásis em oásis através do deserto enorme, passava por um desfiladeiro na cordilheira e finalmente emergia como uma estrada moderna comum. A estrada era como uma linha desenhada por Deus no mapa, já que de um lado ficavam as colinas amarelas, empoeiradas e nuas e, do outro, luxuriantes plantações de algodão separadas por valas de irrigação. Os camponeses, curvados sobre as plantas, usavam galabias, camisolas simples de algodão listrado, em vez dos desajeitados mantos protetores dos nômades. Caminhando para o norte pela estrada, sentindo o cheiro fresco e úmido da brisa vinda do Nilo e observando os sinais cada vez mais frequentes da civilização urbana, Wolff começou a se sentir humano outra vez. Os camponeses espalhados pelo campo pareciam cada vez menos uma multidão. Por fim, Wolff escutou o motor de um carro e soube que estava em segurança.

O veículo se aproximava dele vindo da direção de Assyt, a cidade. Fez uma curva e surgiu à vista, e Achmed o reconheceu como um jipe militar. Quando o jipe chegou mais perto, ele viu os uniformes do exército britânico e percebeu que tinha deixado para trás um perigo e encontrado outro.

Obrigou-se a se acalmar. Tenho todo o direito de estar aqui, pensou. Nasci em Alexandria. Minha nacionalidade é egípcia. Tenho uma casa no Cairo. Todos os meus documentos são verdadeiros. Sou um homem rico, europeu, e um espião alemão por trás das linhas inimigas.

O jipe freou guinchando e levantando uma nuvem de poeira. Um dos homens saltou. Tinha três estrelas de tecido em cada ombro da camisa do uniforme: um capitão. Parecia tremendamente jovem e mancava.

– De onde diabo o senhor está vindo? – perguntou o capitão.

Wolff pôs as malas no chão e apontou um polegar por cima do ombro.

– Meu carro pifou na estrada do deserto.

O capitão assentiu, aceitando na hora a explicação. Jamais ocorreria a ele ou a qualquer outra pessoa que um europeu pudesse ter andado desde a Líbia até aquele lugar.

– É melhor eu verificar seus documentos, por favor – disse o militar.

Wolff os entregou. O capitão os examinou e em seguida ergueu o olhar. Wolff pensou: Houve um vazamento em Berlim e todos os oficiais no Egito estão me procurando. Ou então eles mudaram os documentos desde que estive aqui pela última vez e os meus estão ultrapassados. Ou...

– Acho que está tudo certo, Sr. Wolff – falou o capitão. – Há quanto tempo está andando?

Wolff percebeu que sua aparência devastada poderia despertar alguma compaixão útil em outro europeu.

– Desde ontem à tarde – respondeu, com um cansaço que não era de todo fingido. – Acabei me perdendo.

– O senhor passou a *noite toda* ao ar livre? – O capitão olhou o rosto de Wolff com mais atenção. – Santo Deus, acho que sim. É melhor pegar uma carona conosco. – Ele se virou para o jipe. – Cabo, pegue as malas do cavalheiro.

Wolff abriu a boca para protestar, depois fechou-a abruptamente. Um homem que tivesse andado a noite toda ficaria feliz se alguém pegasse sua bagagem. Ser contra isso não só desacreditaria sua história, como também atrairia atenção para as malas. Enquanto o cabo as colocava na traseira do jipe, Wolff percebeu, desesperado, que não tinha nem se dado o trabalho de trancá-las. Como pode ser tão idiota?, pensou. Sabia a resposta. Ainda estava em sintonia com o deserto, onde você tinha sorte se visse outras pessoas uma vez por semana, e a última coisa que elas iriam querer roubar seria um radiotransmissor que precisava ser conectado a uma fonte de energia. Seus sentidos permaneciam alertas para todas as coisas erradas: estava observando o movimento do sol, cheirando o ar em busca de água, medindo as distâncias que percorria e examinando o horizonte como se procurasse uma árvore solitária em cuja sombra pudesse descansar no calor do dia. Agora precisava esquecer tudo isso e pensar em policiais, documentos, trancas e mentiras.

Decidiu ser mais cuidadoso e subiu no jipe.

O capitão sentou-se a seu lado.

– Para a cidade – disse ao motorista.

Wolff decidiu incrementar sua história. Quando o jipe virou na estrada poeirenta, perguntou:

– Vocês têm água?

– Claro.

O capitão enfiou a mão embaixo do banco e pegou um cantil de estanho

forrado de feltro, parecido com um frasco grande de uísque. Desatarraxou a tampa e o entregou a Wolff.

Wolff bebeu sofregamente, engolindo pelo menos meio litro.

– Obrigado – disse, e devolveu o cantil.

– Que sede – observou o capitão. – Não é de surpreender. Ah, por sinal, sou o capitão Newman. – E estendeu a mão.

Wolff apertou-a e olhou o sujeito com mais atenção. Ele era bem jovem mesmo – uns 20 e poucos anos –, e tinha uma aparência saudável, com um pega-rapaz na testa e um sorriso fácil; mas havia em sua postura aquela maturidade cautelosa que chega cedo aos homens que lutam.

– Participou de alguma ação? – perguntou Wolff.

– Alguma. – O capitão Newman tocou o próprio joelho. – Machuquei a perna em Cirenaica. Foi por isso que me mandaram para esta cidadezinha sem importância. – Ele riu. – Não posso dizer que estou louco para voltar ao deserto, mas gostaria de fazer alguma coisa um pouco mais significativa do que isso, atuando a centenas de quilômetros da guerra. A única luta que vemos é entre os cristãos e os muçulmanos da cidade. De onde é o seu sotaque?

A pergunta súbita, desconectada do que viera antes, pegou Wolff de surpresa. Sem dúvida, era intencional, pensou. O capitão Newman era um rapaz inteligente. Por sorte, Wolff tinha uma resposta preparada:

– Meus pais eram bôeres que vieram da África do Sul para o Egito. Cresci falando africânder e árabe. – Ele hesitou, com medo de parecer ansioso demais para explicar. – O nome Wolff é holandês, originalmente, e fui batizado como Alex por causa da cidade onde nasci.

Newman pareceu educadamente interessado.

– O que o traz aqui?

Wolff também estava preparado para isso.

– Tenho negócios em várias cidades do Alto Egito. – Ele sorriu. – Gosto de fazer visitas surpresa.

Estavam entrando em Assyut. Era uma cidade grande para os padrões egípcios, com fábricas, hospitais, uma universidade muçulmana, um convento famoso e cerca de sessenta mil habitantes. Wolff ia pedir para ser deixado na estação de trem quando Newman o poupou desse erro.

– O senhor precisa de uma oficina – disse o capitão. – Vamos levá-lo à do Nasif. Ele tem um caminhão-reboque.

Wolff se forçou a dizer:

– Obrigado.

Engoliu em seco. Ainda não estava pensando com intensidade ou velocidade suficientes. Queria me concentrar, pensou. É o maldito deserto – me deixou lento. Olhou o relógio. Tinha tempo para participar de uma encenação na oficina e ainda pegar o trem do dia para o Cairo. Pensou no que fazer. Precisaria ir até o tal lugar, porque Newman estava atento. Então os soldados se retirariam. Wolff teria que fazer perguntas sobre peças de automóvel ou algo assim, depois ir embora e andar até a estação.

Com sorte, Nasif e Newman talvez jamais comparassem observações a respeito de Alex Wolff.

O jipe foi passando pelas ruas movimentadas e estreitas. As visões familiares de uma cidade egípcia agradaram Wolff: as alegres roupas de algodão, as mulheres carregando trouxas na cabeça, os policiais intrometidos, os malandros de óculos escuros, as lojas minúsculas cuspindo suas mercadorias nas ruas esburacadas, as barracas, os carros caindo aos pedaços e os jumentos sobrecarregados. Pararam na frente de uma fileira de construções baixas, feitas de tijolos de barro. A rua estava meio bloqueada por um caminhão velho e os restos de um Fiat canibalizado. Um menino trabalhava num bloco de cilindro com uma chave inglesa, sentado no chão do lado de fora da entrada da oficina.

– Vou ter que deixá-lo aqui, infelizmente – disse Newman. – O dever me chama.

Wolff apertou a mão dele.

– Você foi muito gentil.

– Não gostaria de largá-lo assim – falou o capitão. – O senhor passou por maus bocados. – Ele franziu a testa, depois seu rosto se iluminou. – Já sei: vou deixar o cabo Cox para cuidar do senhor.

– É muita gentileza, mas realmente...

Newman não estava ouvindo.

– Pegue as malas dele, Cox, e fique atento. Quero que cuide dele e não deixe nada por conta desses vagabundos, entendeu?

– Sim, senhor! – exclamou o cabo.

Wolff gemeu por dentro. Agora demoraria mais ainda, tendo que se livrar do cabo. A gentileza do capitão Newman estava se tornando um incômodo – poderia ser intencional?

Wolff e Cox desceram e o jipe se afastou. Wolff entrou na oficina de Nasif e Cox foi atrás, carregando as malas.

Nasif era um rapaz sorridente, vestido com uma galabia imunda. Estava trabalhando numa bateria de carro à luz de um lampião a óleo.

– Querem alugar um lindo automóvel? – perguntou, em inglês. – Meu irmão tem um Bentley.

Wolff o interrompeu, falando rapidamente em árabe egípcio:

– Meu carro quebrou. Disseram que você tem um caminhão.

– Tenho. Podemos ir agora mesmo. Onde está o carro?

– Na estrada do deserto, entre 60 e 80 quilômetros daqui. É um Ford. Mas você vai sozinho. – Ele pegou a carteira e deu uma nota de libra inglesa a Nasif. – Me encontre no Grand Hotel, perto da estação de trem, quando voltar.

Nasif pegou o dinheiro, cheio de animação.

– Muito bom! Vou imediatamente!

Wolff assentiu e se virou. Ao sair da oficina com Cox em seu encaço, pensou nas implicações de sua curta conversa com Nasif. O mecânico iria para o deserto com o caminhão-reboque e procuraria o carro na estrada. Finalmente, desistiria e iria ao Grand Hotel para confessar o fracasso, quando ficaria sabendo que Wolff tinha ido embora. Pensaria que havia recebido um pagamento razoável pelo dia desperdiçado, mas isso não iria impedi-lo de contar a todo mundo a história do Ford desaparecido e de seu dono também desaparecido. Muito provavelmente o caso chegaria aos ouvidos do capitão Newman, cedo ou tarde. Newman poderia não saber exatamente o que pensar, mas sem dúvida sentiria a existência de um mistério que merecia investigação.

O humor de Wolff ficou mais sombrio enquanto ele concluía que seu plano de penetrar no Egito sem ser visto talvez tivesse fracassado.

Bem, teria que fazer o melhor possível. Olhou o relógio. Ainda tinha tempo para pegar o trem. Poderia se livrar de Cox na recepção do hotel, depois comer e beber alguma coisa enquanto esperava o embarque, se fosse rápido.

Cox era um homem baixo e moreno, com um sotaque britânico regional que Wolff não conseguiu identificar. Parecia ter a idade de Wolff e, se ainda era cabo, não devia ser muito inteligente. Seguindo Wolff pelo Midan el-Mahatta, ele disse:

– O senhor conhece esta cidade?

– Já estive aqui antes.

Entraram no Grand Hotel. Com 26 quartos, era o maior dos dois hotéis da cidade. Wolff se virou para Cox.

– Obrigado, cabo. Acho que você pode voltar ao trabalho.

– Não há pressa, senhor – disse Cox, animado. – Vou levar suas malas para cima.

– Tenho certeza de que eles têm carregadores aqui...

– Se eu fosse o senhor, não confiaria neles.

A situação estava se transformando em um pesadelo ou uma farsa, em que pessoas bem-intencionadas o obrigavam a um comportamento cada vez mais insensato em consequência de uma pequena mentira. Pensou de novo se isso seria algo involuntário e lhe veio à cabeça a ideia terrivelmente absurda de que talvez eles soubessem de tudo e estivessem apenas brincando com ele.

Afastou o pensamento e se dirigiu a Cox com o máximo de gentileza que pôde:

– Bom, obrigado.

Virou-se para o balcão e pediu um quarto. Olhou o relógio: ainda tinha quinze minutos. Preencheu o formulário rapidamente, dando um endereço inventado no Cairo – havia uma chance de que o capitão Newman esquecesse o endereço verdadeiro nos documentos de identidade, e Wolff não queria deixar um lembrete.

Um carregador núbio os levou ao quarto. À porta, Wolff lhe deu uma gorjeta. Cox pôs as malas na cama.

Wolff pegou a carteira: talvez Cox também esperasse uma gorjeta.

– Bom, cabo – começou ele –, você ajudou muito...

– Permita-me desfazer suas malas, senhor. O capitão disse para não deixar nada por conta dos árabes.

– Não, obrigado – retrucou Wolff, com firmeza. – Quero me deitar agora mesmo.

– Pode se deitar – insistiu Cox, generoso. – Não vou demorar...

– Não abra isso!

Cox estava levantando a tampa da mala. Wolff enfiou a mão dentro do paletó, pensando: Sujeito desgraçado, e: Agora estou frito, e também: Eu deveria ter trancado essa mala; e: Será que posso fazer isso discretamente? O cabo olhou as pilhas de notas novas de libras inglesas bem arrumadas que enchiam a maleta.

– Meu Deus, o senhor está com uma fortuna! – Enquanto avançava, Wolff pensou que Cox nunca tinha visto tanto dinheiro na vida. O cabo começou a se virar, dizendo: – O que o senhor quer com todo esse...

Wolff puxou a maligna faca beduína curva e ela brilhou na sua mão enquanto seu olhar encontrava o de Cox. O rapaz se encolheu e abriu a boca para gritar, mas a lâmina afiada se cravou fundo na carne macia de seu pescoço. O grito de medo saiu como um gorgolejo sangrento e ele morreu. Wolff não sentiu nada, apenas desapontamento.

CAPÍTULO DOIS

ERA MAIO E O *khamsin* – um vento quente e arenoso vindo do sul – estava soprando. Parado sob o chuveiro, William Vandam foi assaltado pelo pensamento deprimente de que aquele seria o único momento do dia em que ele se sentiria fresco. Fechou a torneira e se secou rapidamente. Sentia várias pequenas dores pelo corpo. Tinha jogado críquete no dia anterior, pela primeira vez em anos. O Serviço de Informações do Estado-Maior havia montado um time para jogar contra os médicos do Hospital de Campanha – espiões *versus* curandeiros, era como tinham chamado – e Vandam tinha corrido até a exaustão enquanto os médicos lançavam a bola para todo lado. Agora precisava admitir que não estava em boa forma. O gim havia minado suas forças e os cigarros lhe encurtaram o fôlego. Além disso, ele tinha preocupações de mais para dar ao jogo a concentração feroz que merecia.

Acendeu um cigarro, tossiu e começou a se barbear. Sempre fumava enquanto fazia a barba – era o único modo que conhecia para aliviar o tédio da tarefa diária inevitável. Quinze anos antes tinha jurado que deixaria a barba crescer assim que saísse do exército, mas ainda estava na corporação.

Vestiu o uniforme de todo dia: sandálias pesadas, meias, camisa com bolsos grandes e a bermuda cáqui com abas que podiam ser soltas e abotoadas abaixo do joelho, para proteção contra mosquitos. Ninguém jamais usava as abas, e os oficiais mais jovens costumavam cortá-las, porque eram ridículas demais.

Havia uma garrafa de gim vazia no chão ao lado da cama. Vandam olhou para ela com nojo de si mesmo: era a primeira vez que levava a maldita garrafa para a cama. Pegou-a, pôs a tampa e a jogou no cesto de lixo. Depois desceu.

Gaafar estava na cozinha, fazendo chá. O empregado era um copta idoso, careca, que andava arrastando os pés e tinha pretensões de ser um mordomo inglês. Jamais seria, mas possuía um pouquinho de dignidade e era honesto, e Vandam não tinha encontrado essas qualidades entre os empregados domésticos egípcios.

– Billy já acordou? – perguntou Vandam.

– Sim, senhor, ele já vai descer.

Vandam assentiu. Uma pequena panela d'água borbulhava no fogão. Vandam pôs um ovo para cozinhar e ajustou o cronômetro. Cortou dois pedaços de pão tipo inglês e fez torradas com eles. Em seguida passou manteiga nas fatias e as cortou em palitos, tirou o ovo da água e arrancou a casca da extremidade de cima.

Billy entrou na cozinha.

– Bom dia, pai.

Vandam sorriu para o filho de 10 anos.

– Bom dia. O café da manhã está pronto.

O garoto começou a comer. Vandam sentou-se diante dele com uma xícara de chá, observando-o. Nos últimos tempos Billy com frequência parecia cansado de manhã. Antes ele sempre se mostrava revigorado na hora do desjejum. Será que vinha dormindo mal? Ou seu metabolismo estava simplesmente se transformando no de um adulto? Talvez fosse apenas por ficar acordado até tarde, lendo histórias de detetives sob o cobertor, à luz de uma lanterna.

As pessoas diziam que Billy era igual ao pai, mas Vandam não enxergava a semelhança. Conseguia, porém, ver traços da mãe de Billy: os olhos verdes, a pele delicada e a expressão ligeiramente altiva que tomava conta do rosto dele quando alguém o contrariava.

Vandam sempre preparava o café da manhã para o filho. O empregado era perfeitamente capaz de cuidar do garoto, claro, e na maior parte do tempo fazia isso, mas Vandam gostava desse pequeno ritual específico. Não raro, aquele era o único momento do dia que ficava com Billy. Eles não conversavam muito – o menino comia e Vandam fumava –, mas isso não tinha importância: o fundamental era que ficavam juntos por um tempo no início de cada dia.

Depois do café, Billy escovou os dentes enquanto Gaafar pegava a motocicleta de Vandam. O menino voltou com seu boné da escola na cabeça e Vandam pôs o quepe do uniforme. Como faziam todo dia, prestaram continência um para o outro.

– Certo, senhor – disse Billy. – Vamos vencer essa guerra.

Então os dois saíram.



O escritório do major Vandam ficava em Grey Pillars, um conjunto de prédios rodeado por cercas de arame farpado que compunham o Quartel-general do Oriente Médio. Havia um relatório de incidente em sua mesa quando ele chegou. Sentou-se, acendeu um cigarro e começou a ler.

O documento vinha de Assyut, cerca de 500 quilômetros ao sul, e a princípio Vandam não entendeu por que tinha sido mandado para o serviço de informações. Uma patrulha dera carona a um europeu que depois assassinara um cabo com uma faca. O corpo fora descoberto na noite anterior, assim que a ausência do oficial tinha sido notada, porém várias horas depois da morte. Um homem cuja aparência batia com a descrição do europeu tinha comprado uma passagem para o Cairo na estação ferroviária, mas, quando encontraram o corpo, o trem já havia chegado ao destino e o assassino tinha sumido na cidade.

Não havia indicação de um motivo.

A força policial do Egito e a polícia militar britânica já estavam investigando em Assyut, e seus colegas no Cairo, como Vandam, ficariam sabendo dos detalhes nesta manhã. Que razão haveria para envolver o serviço de informações?

Vandam franziu a testa de novo, pensativo. Um europeu é encontrado no deserto. Diz que seu carro quebrou. Registra-se num hotel. Sai alguns minutos depois e pega um trem. O carro não é encontrado. O corpo de um soldado é descoberto na mesma noite, no quarto do hotel.

Por quê?

Vandam pegou o telefone e ligou para Assyut. A telefonista do quartel do exército demorou um tempo para localizar o capitão Newman, mas acabaram achando-o no arsenal e o chamaram ao telefone.

– Esse assassinato a faca quase parece um disfarce que deu errado – disse Vandam.

– Foi o que me ocorreu, senhor – concordou Newman. Ele soava como um homem jovem. – Por isso indiquei o relatório para o serviço de informações.

– Bem pensado. Diga-me: qual foi sua impressão sobre o homem?

– Era um sujeito grande...

– Tenho a descrição aqui: mais de 1,80 metro, 75 quilos, olhos e cabelos pretos. Mas isso não me diz como ele *era*.

– Entendo. Bom, para ser sincero, a princípio não suspeitei nem um pouco dele. Parecia exausto, o que combinava com a história de o carro ter

quebrado na estrada do deserto, mas afora isso parecia um cidadão correto: branco, vestido decentemente, bem-articulado, com um sotaque que, segundo ele, era holandês, ou melhor, africânder. Estava tudo certo com os documentos. Ainda tenho quase certeza de que eram verdadeiros.

– Mas...?

– Ele disse que estava verificando negócios no Alto Egito.

– É bem plausível.

– É, mas ele não me pareceu o tipo de homem que passa a vida investindo em algumas lojas, pequenas fábricas e plantações de algodão. Era mais do tipo cosmopolita: se tinha dinheiro para investir, provavelmente seria com um corretor da Bolsa de Londres, ou num banco suíço. Simplesmente não parecia ser do tipo que se importa com coisas pequenas... Isso é muito vago, senhor, mas entende o que quero dizer?

– Entendo.

Newman parecia um sujeito esperto, pensou Vandam. O que estava fazendo, empacado em Assyt?

– E então me ocorreu que ele tinha aparecido do nada no deserto e que eu não sabia de fato de onde podia ter vindo – continuou o capitão. – Por isso falei para o coitado do Cox ficar com ele, com a desculpa de ajudá-lo, para garantir que ele não sumisse antes que tivéssemos a chance de verificar a história. Eu deveria ter prendido o sujeito, claro. Mas, honestamente, senhor, na hora eu tinha apenas uma suspeita muito leve...

– Não creio que alguém vá culpá-lo, capitão – disse Vandam. – Você fez bem em se lembrar do nome e do endereço nos documentos. Alex Wolff, Villa les Oliviers, Garden City, não é?

– Sim, senhor.

Vandam desligou. As suspeitas de Newman estavam alinhadas com seus instintos sobre o assassinato. Decidiu falar com seu superior direto. Saiu da sala levando o relatório do incidente.

O Serviço de Informações do Estado-Maior era comandado por um brigadeiro com o título de diretor de informação militar, DIM. O DIM tinha dois subdiretores, que eram coronéis: o SIM(O) – “O” de Operacional – e o SIM(I) – “I” de Informações. O chefe de Vandam, o tenente-coronel Bogge, era o SIM(I). Bogge era responsável pela segurança de pessoal e passava a maior parte do tempo administrando o aparato de censura. Vandam era encarregado dos vazamentos de segurança por meios que não fossem cartas. Ele e seus homens tinham várias centenas de agentes no Cairo e em

Alexandria; na maioria das boates e dos bares havia um garçom que estava em sua folha de pagamento. Ele tinha um informante entre os empregados dos políticos árabes mais importantes. O valete do rei Farouk trabalhava para Vandam, assim como o ladrão mais rico do Cairo. Ele se interessava por quem estivesse falando demais e quem estivesse ouvindo. Dentre os ouvintes, os nacionalistas árabes eram seu alvo principal. No entanto, talvez o homem misterioso de Assyut fosse uma ameaça diferente.

Até então, a carreira de Vandam em tempo de guerra tinha se distinguido por um sucesso espetacular e um fracasso enorme. O fracasso acontecera na Turquia. Rashid Ali tinha escapado do Iraque para lá. Os alemães queriam tirá-lo do país e usá-lo para propaganda, enquanto os ingleses queriam mantê-lo fora das luzes e os turcos não queriam ofender ninguém. A tarefa de Vandam era garantir que Ali permanecesse em Istambul, mas ele trocou de roupa com um agente alemão e escapou do país debaixo do nariz de Vandam. Alguns dias depois estava fazendo discursos de propaganda para o Oriente Médio na rádio nazista.

De algum modo, Vandam conseguiu se redimir no Cairo. Londres tinha lhe dito que havia motivos para acreditar na existência de um grande vazamento de segurança por lá, e depois de três meses de investigações meticulosas Vandam descobriu que um importante diplomata americano estava prestando contas a Washington usando um código inseguro. O código foi alterado, o vazamento, interrompido, e Vandam, promovido a major.

Se ele fosse civil ou mesmo um soldado em tempo de paz, sentiria orgulho de seu triunfo e deixaria a derrota para trás, dizendo: “A gente ganha algumas e perde outras.” Mas, na guerra, os erros de um oficial matavam pessoas. Depois do caso Rashid Ali, uma agente tinha sido assassinada, e Vandam não conseguia se perdoar por isso.

Bateu à porta do tenente-coronel Bogge e entrou. Reggie Bogge era um homem baixo e atarracado, de 50 e poucos anos, com o uniforme imaculado e o cabelo preto besuntado de brilhantina. Costumava pigarrear quando não sabia exatamente o que dizer, o que acontecia com frequência. Estava sentado atrás de uma enorme escrivaninha curva – maior do que a do DIM –, examinando sua bandeja de entrada. Sempre mais disposto a conversar do que trabalhar, indicou uma cadeira para Vandam. Em seguida pegou uma bola de críquete vermelha e começou a jogá-la de uma mão para a outra.

– Você jogou bem ontem – disse.

– O senhor também não jogou mal – respondeu Vandam. Era verdade: Bogge tinha sido o único lançador decente no time do serviço secreto, e seus lançamentos lentos haviam rendido quatro *wickets* e 42 pontos. – Mas estamos vencendo a guerra?

– Mais notícias ruins, infelizmente. – A reunião de informes da manhã ainda não tinha acontecido, mas Bogge sempre ouvia as notícias que corriam de boca em boca antes. – Achamos que Rommel vai fazer um ataque frontal contra a Linha de Gazala. Eu já deveria saber: o sujeito nunca luta de forma honesta. Ele rodeou nosso flanco sul, tomou o quartel-general do 7º Batalhão de Blindados e capturou o general Messervy.

Era uma história de uma familiaridade deprimente, e Vandam sentiu-se cansado.

– Que desastre – disse.

– Felizmente, ele não conseguiu chegar ao litoral, por isso as divisões na Linha Gazala não ficaram isoladas. Ainda assim...

– Ainda assim, quando vamos *contê-lo*?

– Ele não vai muito mais longe. – Era uma observação idiota: Bogge simplesmente não queria se envolver nas críticas aos generais. – O que você tem aí?

Vandam lhe entregou o relatório do assassinato.

– Proponho investigar pessoalmente esse aí.

Bogge leu o documento e olhou para ele com o rosto inexpressivo.

– Não vejo por quê.

– Parece um disfarce desmascarado.

– Hein?

– Não há motivo para o assassinato, por isso precisamos especular. Uma possibilidade é a seguinte: o sujeito da carona não era o que disse que era. O cabo descobriu esse fato e o sujeito o matou.

– Não era o que ele disse que era... Quer dizer que era um espião? – Bogge gargalhou. – Como você acha que ele chegou a Assyut? De paraquedas? Ou andando?

Esse era o problema ao explicar as coisas a Bogge, pensou Vandam: ele precisava ridicularizar a ideia, como uma justificativa para não ter pensado nela.

– Não é impossível um avião pequeno chegar sem ser visto. Assim como não é impossível atravessar o deserto a pé.

Bogge jogou o relatório pelo ar, por cima da vastidão da mesa.

– Na minha opinião, não é muito provável. Não perca tempo com isso.

– Muito bem, senhor. – Vandam pegou o documento do chão, suprimindo a familiar raiva frustrada. As conversas com Bogge sempre se transformavam em disputas, e o mais inteligente era não entrar no jogo. – Vou pedir que a polícia nos mantenha informados sobre o progresso: cópias de memorandos e assim por diante, só para arquivo.

– Sim. – Bogge nunca era contra fazer as pessoas lhe mandarem cópias para arquivo: isso lhe permitia meter o nariz nas coisas sem assumir qualquer responsabilidade. – Escute, que tal arranjar uns treinos de críquete? Ontem notei que eles tinham redes e um barco para recuperar bolas. Eu gostaria de colocar nosso time em forma e fazer mais uns jogos.

– Boa ideia.

– Veja se consegue organizar alguma coisa, está bem?

– Sim, senhor.

Vandam saiu.

No caminho de volta para sua sala, se perguntou o que havia de tão errado com a administração do exército britânico a ponto de promoverem a tenente-coronel um homem de cabeça tão oca quanto Reggie Bogge. O pai de Vandam, que tinha sido cabo na Primeira Guerra Mundial, gostava de dizer que os soldados britânicos eram “leões comandados por jumentos”. Às vezes Vandam achava que isso ainda era verdade. Mas Bogge não era apenas medíocre. Com alguma frequência tomava decisões ruins porque não tinha inteligência suficiente para tomar decisões boas, mas acima de tudo, para Vandam, Bogge tomava decisões ruins porque estava fazendo algum outro jogo, tentando passar uma imagem boa, ser superior ou qualquer outra coisa – Vandam não sabia o quê.

Uma mulher com jaleco hospitalar branco prestou continência a ele e Vandam retribuiu o cumprimento distraidamente.

– Major Vandam, não é? – perguntou ela.

Ele parou e olhou-a. Ela tinha assistido à partida de críquete, e então ele se lembrou de seu nome.

– Dra. Abuthnot. Bom dia.

Ela era alta, serena, e tinha mais ou menos a idade dele. Vandam lembrou que ela era cirurgiã – algo muito incomum para uma mulher, mesmo em tempos de guerra – e que tinha posto de capitão.

– O senhor se esforçou um bocado ontem – comentou ela.

Vandam sorriu.

– E hoje estou sofrendo por isso. Mas me diverti.

– Eu também. – A médica tinha uma voz grave, precisa, e um bocado de autoconfiança. – Vamos vê-lo na sexta-feira?

– Onde?

– Na recepção da União.

– Ah. – A União Anglo-Egípcia, um clube para europeus entediados, fazia tentativas ocasionais de justificar seu nome realizando uma recepção para convidados egípcios. – Eu gostaria de ir. A que horas?

– Às cinco, para o chá.

Vandam tinha um interesse profissional: era uma ocasião em que os egípcios podiam ouvir fofocas do serviço, e às vezes as fofocas do serviço incluíam informações úteis para o inimigo.

– Eu vou – disse ele.

– Ótimo. Vejo o senhor lá.

E com isso ela se virou.

– Será um prazer – retrucou Vandam às costas dela.

Observou-a se afastar, imaginando o que ela estaria usando por baixo do jaleco. Era esguia, elegante e segura – fazia com que ele se lembrasse de sua esposa.

Vandam entrou na sala. Não tinha intenção de organizar nenhum treino de críquete, mas também não iria esquecer o assassinato em Assyut. Bogge podia ir para o inferno. Vandam iria trabalhar.

Falou de novo com o capitão Newman e pediu que ele garantisse que a descrição de Alex Wolff fosse distribuída o mais amplamente possível.

Ligou para a polícia egípcia e confirmou que os hotéis e albergues do Cairo seriam checados ao longo do dia.

Contatou a Segurança de Campo, uma unidade da Força de Defesa do Canal anterior à guerra, e pediu que aumentassem as verificações de documentos de identidade durante alguns dias.

Solicitou que a tesouraria britânica ficasse especialmente atenta ao surgimento de dinheiro falso.

Aconselhou o serviço de escuta a estar alerta a um novo transmissor local. Pensou brevemente em como seria útil se os cientistas descobrissem como localizar um rádio monitorando suas transmissões.

Por fim, destacou um sargento de seu pessoal para visitar todas as lojas de rádios no Baixo Egito – não eram muitas – e pedir que informassem

qualquer venda de peças e equipamentos que pudessem ser usados para construir ou consertar um transmissor.

Depois foi para a Villa les Oliviers.



A casa tinha recebido esse nome por conta de um pequeno parque público do outro lado da rua, onde um bosque de oliveiras estava agora florido, soltando pétalas brancas como poeira na grama seca e marrom.

Tinha um muro alto com um pesado portão de madeira entalhada. Agarrando-se às reentrâncias, Vandam subiu no portão e saltou do outro lado, aterrissando em um pátio amplo. Ao redor dele, as paredes caiadas estavam manchadas e encardidas, as janelas fechadas com postigos, descascando. Foi até o centro do pátio e olhou para a fonte de pedras. Um lagarto verde brilhante correu pelo fundo seco.

Fazia pelo menos um ano que aquele lugar estava vazio.

Vandam abriu um postigo, quebrou um vidro, enfiou a mão para destrancar a janela e escalou o parapeito, entrando em seguida na casa.

Não parecia o lar de um europeu, pensou enquanto andava pelos cômodos escuros e frescos. Não havia gravuras de caça nas paredes, nem enfileirado romances de Agatha Christie e Dennis Wheatley, nem um jogo de sofá e poltronas importado da Maples ou da Harrods. Em vez disso, o lugar era mobiliado com almofadas grandes no chão e mesas baixas, tapetes tecidos à mão e tapeçarias penduradas.

No andar de cima, encontrou uma porta trancada. Demorou três ou quatro minutos para arrombá-la com chutes. Atrás dela havia um escritório.

O cômodo estava limpo e arrumado, com alguns móveis bastante luxuosos: um divã amplo e baixo forrado de veludo, uma mesinha de centro entalhada, três abajures antigos combinando, um tapete de pele de urso, uma linda escrivaninha de marchetaria e uma poltrona de couro.

Na mesa havia um telefone, um bloco de rascunho em branco, uma pena com cabo de marfim e um tinteiro seco. Na gaveta da escrivaninha Vandam encontrou relatórios empresariais da Suíça, da Alemanha e dos Estados Unidos. Um delicado serviço de chá de cobre batido juntava poeira na mesinha. Numa estante atrás da escrivaninha havia livros em várias línguas: romances franceses do século XIX, o Pequeno Dicionário Oxford, um vo-

lume do que pareceu ser poemas em árabe com ilustrações eróticas e uma Bíblia em alemão.

Não havia documentos pessoais.

Não havia cartas.

Não havia uma única fotografia na casa.

Vandam sentou-se na poltrona de couro macio atrás da escrivaninha e olhou ao redor. Era um cômodo masculino, lar de um intelectual cosmopolita, um homem que, por um lado, era cuidadoso, preciso e organizado e, por outro, sensível e sensual.

Vandam estava intrigado.

Um nome europeu, uma casa totalmente árabe. Um panfleto sobre investimento em máquinas industriais, um livro de poemas eróticos em árabe. Uma jarra de café antiga e um telefone moderno. Uma enormidade de informações sobre uma pessoa, mas absolutamente nenhuma pista que pudesse ajudar a encontrá-la.

O escritório tinha sido limpo com esmero.

Deveria haver extratos bancários, contas de comerciantes, uma certidão de nascimento e um testamento, cartas de uma amante e fotos de pais ou filhos. O sujeito havia recolhido todas essas coisas e levado embora sem deixar qualquer traço de sua identidade, como se soubesse que um dia alguém iria procurá-lo ali.

– Quem é você, Alex Wolff? – perguntou Vandam em voz alta.

Levantou-se da poltrona e saiu do escritório. Caminhou pela casa e atravessou o pátio quente e empoeirado. Pulou de novo o portão e saltou na rua. Do outro lado, um árabe usando uma galabia listrada estava sentado de pernas cruzadas no chão, à sombra das oliveiras, observando Vandam sem qualquer curiosidade. Vandam não sentiu nenhum impulso de explicar que tinha invadido a casa em uma função oficial: o uniforme do exército britânico era autoridade suficiente para praticamente qualquer coisa naquela cidade. Pensou nas outras fontes que poderiam lhe fornecer informações sobre o dono daquela casa: registros municipais; comerciantes locais que tivessem feito entregas ali quando o lugar era habitado; até mesmo os vizinhos. Colocaria dois de seus homens cuidando disso e contaria a Boggie alguma história para disfarçar. Montou na motocicleta e deu a partida. O motor rugiu, entusiasmado, e Vandam foi embora.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br